



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



3

Discurso na Cerimônia de inauguração da Usina Termoelétrica Nova Piratininga

SANTO AMARO, SP, 4 DE JULHO DE 2002

Senhor Governador de São Paulo, nosso querido Geraldo Alckmin; Ministro Francisco Gomide, que nos faz companhia; Nossa Presidente da Assembléia, Deputado Feldman; Nossos amigos, aqui presentes; O Líder do Governo, Arnaldo Madeira; Deputada Zulaiê Cobra; Secretário Arce, que não só é um grande Secretário de São Paulo, como ajudou muito a resolver a crise, no Comitê que organizamos, lá em Brasília; Dr. Flori; Dr. Magalhães; Dr. Menezes; Dr. Francisco Gros, que dirige essa extraordinária Petrobras; Senhoras e Senhores aqui presentes,

Costumo dizer que uma das dificuldades de ser Presidente da República é que é o último a falar. Então é muito difícil, porque o fundamental já foi dito. E me recordava, enquanto via o Geraldo Alckmin, aqui, fazendo a sua homenagem ao Mário Covas – muita justa – eu me recordava de quando comecei a andar por São Paulo, em minhas campanhas políticas. Eu não tinha esse hábito. Eu era, como o professor Goldemberg, um homem da universidade. E ficava muito acanhado, diante das manifestações contínuas de políticas, de *marketing*, tinha que fazer discurso. E, nessa época, o nosso grande líder era o que veio a ser depois o

Governador Franco Montoro, com quem aprendi, praticamente, tudo que aprendi, em matéria política. Aqui, em São Paulo, foi com o Franco Montoro e com o Ulysses Guimarães.

E o Montoro tinha um hábito que a mim, como professor, acadêmico, me deixava, assim, um pouco espantado. Ele dizia sempre a mesma coisa: um, dois, três, um, dois, três. E eu, novato, a cada reunião que ia, queria fazer um discurso diferente. Resultado: o povo não entendia nada do eu que dizia. E tudo que o Montoro dizia era aplaudido e entendido. Até hoje sei, de memória, o que ele dizia, mas não vou repetir. Bom, agora estou numa circunstância mais difícil ainda, porque não posso, todo dia, dizer a mesma coisa. E, também, não posso, todo dia, dizer coisas novas porque não tenho mais imaginação para repetir.

No caso de energia, foram tantas as obras que fizemos que até quase me lembro do Mário Covas. Eu quase virei engenheiro elétrico. O Mário Covas, que nós todos sabemos o quanto era de dinamismo, de capacidade, de detalhe, sabia mais de lei que muitos advogados. Ele sabia de lei, era inacreditável, que o Mário vinha com as questões legais, jurídicas, e ganhava sempre as discussões. Bem, fiquei pensando: será que vou entrar numa discussão técnica com os engenheiros? Mas eu não tenho o talento do Mário que aprendeu, mesmo, como mexer nas leis e na Constituição. Até para apertar aquele botão eu perguntei ao Geraldo: quem, como é que é? Ainda bem que o Dr. Mário Abdo disse: é só apertar. De modo que não vou entrar em tecnicidade. Mas, não obstante a isso, quero dizer que, realmente, tem acontecido, nesses últimos anos, no Brasil, em matéria de matriz energética, em matéria de desenvolvimento energético, alguma coisa de extraordinário.

E como às vezes acontece, aprendemos muito, também, na crise. Dizem que os chineses têm um ideograma para representar a crise, que é impasse e saída. E crise é isso, é um impasse e tem que buscar uma saída. E nós fomos aprendendo a ver como é que se sai de algumas dificuldades. Nós temos uma tradição, no sistema brasileiro, na matriz energética, muito grande, na hidroeletricidade. Ela é fundamental. Nós temos mais de 90% da nossa energia gerada por recursos renováveis. Isso é tão importante que nós estamos propondo, agora – a iniciativa é

chamada latino-americana, mas é brasileira –, numa reunião que vamos ter em Johannesburgo, em agosto, setembro, que os países do mundo todo tenham pelo menos – uma coisa incrível para nós, aqui – 10% da sua energia gerada por fontes renováveis. Não temos mais de 90%. Ontem, estive com o Presidente do México – ele estava aqui no Brasil – e combinamos que vai haver uma ação coordenada de toda a América Latina. Hoje à tarde, vou à Argentina, e lá vamos estar reunidos com os Presidentes do Mercosul, e o Presidente do México, Vicente Fox, vai estar lá também. E nós estamos articulando uma posição latino-americana que tenho certeza será, também, a posição dos principais países da Europa, no sentido de propormos que haja pelo menos 10% de energia que seja renovável.

Pois bem, aqui é o contrário. Nós precisamos ter pelo menos 10% de energia que não seja só hídrica. Por quê? Por que, eventualmente, pode escassear a água. E quando escasseia a água – não ouso nem repetir – mas depende de São Pedro. Aí todo mundo diz: “O Presidente está querendo tirar o corpo da responsabilidade.” “Tem que assumir a responsabilidade.” Mas não é prático estarmos sujeitos sempre a uma possibilidade de diminuição do fluxo de chuva. Evidentemente depende também do uso dos reservatórios. Depende, também, de uma porção de outras questões. Mas é prudente que nós tenhamos um seguro composto por uma complementação da nossa matriz, que vai continuar sendo hídrica, uma complementação especialmente pelo gás natural, além da energia eólica e da biomassa, como mencionou o Governador Geraldo Alckmin. Isso é fundamental para podermos crescer com mais tranquilidade; menos sujeitos aos imprevistos do futuro.

Nesse sentido, essa inauguração de hoje, aqui, é um marco. É um marco porque essa já era uma usina térmica, mas vai ser agora movida a gás, portanto, com redução de poluição. Vai ser uma produção de energia elétrica contínua e vai permitir um reaproveitamento do vapor, portanto, vamos aumentar realmente a nossa capacidade. Quando tivermos a segunda unidade pronta, serão 400 megawatts que vamos adicionar a São Paulo. Tomara que seja possível, o quanto antes, estarmos aí já inaugurando também a Henry Borden, com a questão da

despoluição resolvida para que nós possamos utilizar os recursos da Henry Borden. No total, quase 900 megawatts gerados em São Paulo. E aqui, no meio da cidade de São Paulo, sem a poluição ou pelo menos com uma redução grande da poluição.

Isso é muito importante. É importante que, pelo menos, as áreas fundamentais de consumo de energia, como é o caso de São Paulo, como é o caso do Rio de Janeiro que tem, também, algumas termoelétricas em marcha, deve ser “Termorio”, como se chama uma. E aqui em São Paulo há outras mais, há várias. É importante que nós complementemos a nossa produção de energia através de usinas termoelétricas.

Eu vejo, de vez em quando, pessoas na dúvida se vale a pena ou não vale a pena. Mal saídos da crise já começamos a esquecer que uma crise pode ocorrer. Não pode ser assim. Nós temos que, naturalmente, com prudência, cuidando dos custos, evitando que haja uma escalada de preços por causa do custo maior da geração de termoelétricas, mas nós devemos continuar com uma visão realista das questões e, portanto, atuando para que não tenhamos que enfrentar novas dificuldades.

E no caso presente da usina de Piratininga, apraz-me dizer que ela é fruto de um trabalho coordenado entre empresas que são, majoritariamente, empresas estatais. Essa visão de que tudo tem que ser privado ou tudo tem que ser estatal, não é uma visão realista. Depende de circunstâncias, há complementaridade. Não se pode, nessa matéria, radicalizar, porque aí se transforma numa questão ideológica de pouco sentido prático. Em certas questões é possível, como aqui, complementar, através da ação do Estado. E o mais interessante é que aqui existe uma ação combinada do Governo Federal com o governo estadual. E não só da estatal, mas também do fundo de pensão, portanto os próprios funcionários das estatais estão participando.

Portanto, aí, também, a própria Petrobras é uma empresa que tem suas peculiaridades, onde, embora o Governo tenha a maioria, essa maioria não se exerce sob a forma de pressão política, o Dr. Gros sabe disso. Exerce-se através de uma delegação plena, em que a empresa atua com uma governança, a mais transparente possível, e onde existe uma

associação, como aqui, entre o fundo de pensão e o próprio investimento da empresa. Quer dizer, é dessa maneira, com pragmatismo, mas sem, portanto, estarmos barrados por visões ideológicas – que, muitas vezes, dificultam a solução do problema – que nós estamos encaminhando as grandes questões de infra-estrutura do Brasil.

E no caso de energia eu creio que, a despeito de tudo, avançamos bastante. Ontem, à noite, numa cerimônia de que participei aqui em São Paulo, fiz menção ao fato, que já foi referido aqui pelo Ministro Gomide, de que a quantidade de fontes de energia que nós temos realizado é, realmente, impressionante. O Brasil, ou construiu, nesses últimos anos, ou está construindo 20 hidroelétricas. Eu me lembro, há muitos anos, quando fui inaugurar uma unidade da Usina de Rosana, em Porto Primavera, que o Governador mencionou. É alguma coisa que é marcante, porque ela simboliza a ação de um governador excepcional, que foi o Mário Covas, que criou condições para que retomássemos os investimentos em São Paulo, e deu ainda o nome àquela usina de Sérgio Motta, que foi outro gigante da modernização do Brasil e é, também, um companheiro nosso daqui de São Paulo. Isso já faz muitos anos que nós fizemos. De lá para cá fomos inaugurando. Inauguramos uma porção de obras.

A mais recente que visitei, na introdução do rotor na usina, foi a de Tucuruí. E Tucuruí é quase Itaipu, porque nós estamos dobrando a capacidade produtiva de Tucuruí. Em dezembro deste ano nós já vamos estar gerando, com os primeiros geradores, turbinas de Tucuruí. E vamos adicionar capacidade produtiva ao Brasil. Em Tucuruí, quando estiver tudo pronto, nós vamos ter, mais ou menos, 8 mil, 8 mil e 500 megawatts adicionais ao Brasil.

Isso é para dar algum exemplo. São muitos. Eu digo 24. Que país no mundo faz isso? Só os grandes. Só os Estados Unidos. Em termoelétricas, quando eles resolvem fazer, fazem centenas. Mas quem mais? Talvez o Canadá, talvez a Rússia. Quem sabe a Índia ou a China. Ponto final. Nós estamos fazendo. Com dificuldade. Há problemas de todo tipo. Mudamos o modo de gerenciamento de tudo isso, foi definida uma agência, que é a Aneel, para dar as diretrizes, para regulamentar os

mercados, permitir que haja um aporte privado e compatibilizar com o aporte público.

Estamos com a questão da usina nuclear. Duas estão funcionando. Estamos na iminência de tomar uma decisão sobre uma complementação lá também. E a visão tem que ser a mesma. Não pode ser de princípio contra ou de princípio a favor. Eu, pessoalmente, sou muito restritivo ao uso da energia nuclear. Mas não sou irracional. Eu tenho que examinar o que vale a pena e dentro de que condições é possível fazer. Nós não precisamos mudar a nossa matriz básica, que é hídrica. Não vamos mudá-la. Nós vamos complementar aqui, ali e acolá. Vamos complementar.

O fato é que nós fomos, realmente, caminhando na direção de fortalecer a nossa estrutura energética, no Brasil. E me apraz dizer que fizemos isso com uma visão, não apenas do Brasil, mas com uma visão da região. Visão que não é nova, não foi inventada por mim, basta lembrar Itaipu, que é, já, o fruto de uma visão, de uma integração da matriz energética brasileira na nossa região, mas nós demos um impulso grande para o gás.

O gás, primeiro, veio da Bolívia. E eu sei o que me custou o gás, para onde pode obter, no Brasil, a anuência à idéia. Primeiro, porque seria gás da Bolívia. Até isso, disseram que não havia. E disseram na última hora, quando nós estávamos para firmar o contrato. E pessoas de alto coturno. Bom, custou fazer com que se fizesse um avanço no gás da Bolívia. Agora, é o gás da Argentina. Já está lá em Uruguaiana, vai ser usado em uma usina termoelétrica. Depois, foi o petróleo da Venezuela. Depois a energia da Venezuela. No Norte do Brasil, a energia consumida em Roraima é gerada na Venezuela, em Guri. E assim vai.

Nós estamos avançando numa visão de um país que faz parte de uma região da América do Sul. E essa concepção tem uma visão pelo menos regional. Mas o Brasil não é um país que se possa contentar com uma visão regional. Não por quaisquer impulsos de domínio, de hegemonia. Nada disso. Simplesmente de sobrevivência, simplesmente para que nós possamos atuar num mundo que hoje se globalizou. E, naturalmente, atuar de forma adequada, não é fazer um acordo com a Bolí-

via em que os bolivianos percam. Não é fazer um acordo com a Venezuela em que os venezuelanos percam, e nem com os argentinos, nem com ninguém, nem com os paraguaios. Não é assim que atuamos. Atuamos, realmente, buscando uma motivação que permita acordos binacionais, regionais, em que todos possam ganhar. E que haja possibilidade efetiva de fazer aquilo que nós demandamos e gritamos contra os mais poderosos do mundo. Quando não dão espaço a nós, não podemos nós, também, não dar espaço àqueles com os quais nos associamos para fazer avanços nessa matéria. Mudou a nossa concepção basicamente na questão da integração energética.

No fim deste mês, eu vou a Guayaquil, no Equador, onde nós temos uma reunião, a segunda reunião da história. A primeira foi há dois ou três anos em Brasília. Agora vai ser a segunda dos Presidentes da América do Sul, onde nós vamos dar maior concreção a um programa que já está andando no BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento. Vamos propor que exista a fusão entre um fundo de fomento, que se chama Fonplata, com a CAF – Corporación Andina de Fomento – para que nós tenhamos fonte de recursos para financiar a integração da infra-estrutura da América do Sul. A Europa fez isso. A Europa, quando a União Soviética existia, começou a fazer acordo com a União Soviética. Não ficou dizendo: aí não, porque são comunistas. Não. Aí sim, porque aqui tem gás. E foi buscar o gás onde o gás existia. E hoje, a integração energética na Europa é imensa. E estão levando o gás do Norte da África, por dutos, para a Europa. Ou seja, isso foi algo que preparou a integração européia.

Eu vejo, aqui, no Brasil, com um certo açodamento, as pessoas dizerem: ah, mas o Mercosul, com tanta dificuldade. É porque não olham a história. A Europa levou 50 anos para ser a União Européia. Hoje, são famosos e, realmente, agem em conjunto. Cinqüenta anos. E começou com o Acordo do Carvão e do Aço, depois com os acordos energéticos, foi criando ligações de tal monta que depois os governos viessem da forma que viessem, não vão ter mais capacidade de mudar, porque é bom, porque a população adere àquela base de integração.

É o que nós estamos fazendo na América do Sul. Talvez sem que muitos se dêem conta sequer do que está ocorrendo. Talvez sem que percebam. Mas isso não é por acaso, é porque o Brasil tem uma política nacional e a política nacional brasileira não se contrapõe, como se nós fôssemos um país imperialista, a uma convergência com as políticas nacionais dos nossos vizinhos. Mas nós temos uma política, nós temos diretrizes, nós não atuamos simplesmente ao sabor da pressão eventual do mercado, que hoje está bom, amanhã está ruim. Mercado é isso; nação não é isso. A nação tem objetivos permanentes, tem um povo que tem anseios permanentes, quer existir, quer crescer, e já está se sentido cada vez mais à vontade, feliz, se possível, no seu meio ambiente, na sua base produtiva, nas formas de relacionamento da própria sociedade. E isso existe.

É claro que nem sempre dá certo. Se tudo desse certo, talvez até não tivesse graça. Se tudo desse certo, não precisava de política, menos ainda de estadista, a coisa iria sozinha. Mas não dá certo, toda hora há crises, há choques, há pressões, há interesses que não são conciliáveis facilmente. E é preciso que existam aqueles que processem essas demandas buscando o interesse coletivo, buscando o interesse conjunto, o interesse nacional e que tenham aquilo que o Governador Geraldo Alckmin atribuiu a mim, com a generosidade dele – eu até uso óculos, não posso ver muito longe. Mas gostaria, realmente, que o Brasil fosse feito com gente que parece ver cada vez mais longe.

E eu quero dizer também que cada vez que venho a São Paulo – e eu venho sempre, mais tarde estarei mais permanentemente aqui, espero, mas agora eu vou para Buenos Aires, mas depois vou a Brasília – volto renovado, porque eu vejo que se constrói. Aqui, ao chegar, eu perguntava ao Dr. Magalhães quando exatamente começou a funcionar a Light. Parece que a primeira usina gerou em 1901, e a Light foi um pouquinho antes, século XIX. E depois foi para o Rio. Eu sou de uma geração, como alguns outros cujo nome não vou citar para não declarar a idade deles, em que nós achávamos que a Light era um polvo. Bom, porque nós não víamos, de toda maneira, que a Light permitiu o crescimento de São Paulo, a industrialização de São Paulo.

Evidentemente, hoje, não há de ser uma só empresa. Hoje é um conjunto de empresas. Como eu disse, não cabe mais a polêmica se é do Estado ou se é privado, a regulação é do Estado, o interesse é do consumidor, o investimento é de quem tem dinheiro. E quanto mais dinheiro tem, quanto mais dinheiro ponha para produzir em benefício da maioria, melhor. Seja privado ou seja público. Agora, o fato é que São Paulo cresceu e cresceu com muita força, e passou à frente de muitas outras regiões do Brasil, que estavam, então, à sua frente, por causa da energia. A continuidade de energia, a sua dispersão pelo território nacional, faz com que nós tenhamos as bases para continuarmos crescendo e para que esse crescimento não seja concentrado. Não precisa mais.

Eu li, na última estatística do IBGE, que São Paulo relativamente perdeu concentração industrial. Perdeu relativamente, mas ganhou, cresceu muito, mas outras regiões cresceram também. É o que nós, como brasileiros, assim como paulistas, queremos. Nós queremos que o Brasil todo cresça, e que São Paulo continue crescendo. Quanto a que São Paulo vai continuar crescendo, eu não tenho dúvidas, porque São Paulo teve a sorte de ter sido administrado por Mário Covas, que conseguiu fazer aquilo que eu sei, e sei na minha pele o quanto difícil é, que é o equilíbrio fiscal. E que conseguiu, ao lado do equilíbrio fiscal, manter a administração ativa e, portanto, planejando e atuando. E São Paulo tem tanta sorte, que mesmo com a infelicidade de termos perdido Mário Covas, ganhamos o Geraldo Alckmin. E ganhamos alguém que, à sua maneira, que não é propriamente paulistana, é mais à maneira, quase mineira. Qual é a fronteira ali? A Mantiqueira. A sua maneira quase mineira tem uma capacidade de trabalho, uma propriedade na formulação e uma coragem de, sem fazer alarde, fazer, que dá inveja.

De modo que agradeço, muito, esses exemplos que temos colhido de São Paulo. E já falei além do que era razoável para um fim de manhã, para que vocês possam trabalhar com mais energia. Quando se ouve muito, pode se perder essa energia. E numa casa em que se produz energia eu não quero ser alguém a contribuir para diminuir energia.

Não quero, portanto, me alongar mais, mas quero dizer, efetivamente, que as palavras que foram ditas pelos que me antecederam aqui, de

congratulações, são verdadeiras. Essa cooperação entre Estado e União, essa substituição de formas mais obsoletas de produção de energia por novas, e essa complementaridade entre a energia térmica e as outras formas de geração de energia, e a manutenção da hídrica como base do sistema, são a marca registrada de um Brasil que vai continuar crescendo.

Muito obrigado.